



Presença

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro

Presença

M A I O
J U N H O
1955 — N.º 9

J. U. C. F. — FILIADA NA «PAX ROMANA»

Sumário



Poesia

Epiderme

Para além do círculo familiar

Descoberta de Deus

A miséria no meio da abundância

Europa... centro do mundo?

Noticiário da «Pax Romana»

Maria Silenciosa

Trabalho e Dignidade Cristã

Aqueles que vale a pena ler: C. S. Lewis

Página de Antologia

Noticiário da J. U. C. F.

Fundação Caldas e Guebara

Não meu, não meu é quanto escrevo.

A quem o devo?

De quem sou o arauto nado?

Porque, enganado,

Julguei ser meu o que era meu?

Que outro mo deu?

Mas, seja como for, se a sorte

For eu ser morte

De uma outra vida que em mim vive,

Eu, o que estive

Em ilusão toda esta vida

Aparecida,

Sou grato Ao que do pó que sou

Me levantou.

(E me fez nuvem um momento

De pensamento).

(Ao de quem sou, erguido pó,

Símbolo só).

Fernando Pessoa

Fundação Cuidar o Futuro

Epiderme

A geração de Musset e dos poetas românticos arrastou elegante e preguiçosamente, pelos meados do século XIX, o seu tédio de viver. Mal do século lhe chamaram então, e, como estigma de uma juventude perdida, assim ficou sendo conhecida na História da Literatura essa doença de alma que se manifestou pelo cansaço moral, pelo desinteresse absoluto perante o mundo.

No nosso século também adoecem os espíritos. É novo o mal, e diversa, portanto, a sua sintomatologia: em vez de langores e bocejos, o clima faceto em que se discutem propostas despreocupadas, numa palavra, a pouca seriedade com que se resolvem as coisas sérias.

Não é outra coisa, afinal, a leviandade em aceitar tarefas que se não hão-de cumprir; a facilidade em alijar encargos cujo peso duplicou; a perda do sentido do compromisso, e, em muitos casos até, o desconhecimento total do mesmo.

Mais grave ainda a desenvoltura com que se escolhe um rumo de vida que é, com certeza, de capital importância nos destinos da sociedade a que se foi chamada a dar um contributo imprescindível.

Vive-se à flor da pele; não se penetra a Verdade de Deus e das criaturas.

Daí, a cultura enciclopédica, a piedade sem raízes, a superficialidade das relações humanas, e, o que constitui pedra de escândalo dos nossos dias: o espectáculo de cima responsável pelos outros que se arrogam abusivamente o direito de pensar apenas nos seus interesses económicos ou sentimentais.

Onde a violação mais chocante da justiça que ao próximo se deve?

No termo de um ano, que para muitas será ponte lançada para a vida profissional, vale a pena deixar aqui uma preocupação que arda profunda e vivamente, sem se extinguir, em cada uma:

Da minha escolha dependerá a face da Terra.

«O fardo, o peso da Glória do meu próximo devia ser colocado diàriamente às minhas costas — esse fardo tão pesado que só a humanidade tem forças para o transportar...

Já pensaste que cada alma que cruza ombro a ombro contigo, só pode seguir um de dois rumos: ou o do Abismo, ou o da Glória? Já pensaste que de ti depende, em grande parte, que ela escolha e siga um ou outro?»

C. S. Lewis in «Transposition»

Para além do círculo familiar

A personalidade infantil, aberta a todas as influências e desejosa de novas experiências, não pode, por natureza, sujeitar-se às limitações da família e da escola. Anseia por novos contactos, formula outros porquês, espera avidamente sensações diferentes.

O mundo de hoje vem ao encontro desta característica, impedindo-lhe o isolamento e favorecendo extraordinariamente, pelos meios de comunicação existentes, o contacto com todas as formas da vida social.

Entre todas estas possibilidades de conhecimento do mundo exterior, avultam a rua, o cinema, a literatura, os jardins, as festas, os jogos, o convívio com outras crianças.

A criança vive intensamente cada uma dessas experiências e tira delas aquilo de que o seu desenvolvimento intelectual e moral é capaz.

Para ela tudo tem o sabor das coisas novas, mesmo os gestos indefinidamente repetidos. É uma época de aprendizagem, a infância. Época em que só satisfaz o gesto perfeitamente realizado, em que a lei da repetição é a lei mais forte porque é condição de progresso, de evolução, e, portanto, de vida.

Têm, por isso, excepcional relevo na formação da personalidade da criança todas as ocupações «não obrigatórias».

Julga-se com frequência, senão em teoria pelo menos praticamente, que a acção educativa se exerce unicamente em determinados momentos estabelecidos pelo espírito quadrilado dos adultos. É essa uma atitude em extremo nociva à formação da criança, pois deixa livre de qualquer controle precisamente aqueles momentos e actividades que a marcam mais profundamente.

E não vá pensar-se que esta é uma crítica sem realismo nos nossos dias.

Baseia-se na observação da inconsciência da autoridade civil perante a imoralidade pública, do comodismo e ignorância das famílias perante a escolha dos brinquedos, livros, festas, passeios, da mediocridade e estreiteza de muitos professores que nada vêem para além do exame a preparar e da ciência a fazer ingerir (em doses mais ou menos maciças, de duvidosa procedência e por métodos nem sempre muito humanos).

A criança na rua

Desde muito cedo a rua torna-se para a criança um quadro movimentado e colorido que a interessa e que ela observa com avidez e curiosidade.

(Quem não assistiu já, num eléctrico, por exemplo, ao entusiasmo incontido duma criança que não pára de falar todo o caminho, com exclamações jubilosas perante tudo o que vê, e chamando a atenção da

mãe para o que vai descobrindo: «Ó Mãe, olha, aquilo... por que é? Para que é? Mas por que é assim?...»).

Na rua a criança toma contacto com os aspectos mais «livres» do mundo dos adultos. Aí, ela ouve palavras que o anonimato da rua indevidamente autoriza, observa atitudes, modas e costumes, traduzidos em norma geral, por força da repetição, vê toda a espécie de aberrações artísticas que propaganda vergonhosa de espectáculos tem a liberdade de executar.

São exemplos do que acabo de dizer a quase totalidade dos cartazes de cinema, os trajos femininos durante o Verão (e às vezes durante o Inverno também...), a linguagem usada por muitos passageiros de «eléctricos», as atitudes de muitos pares de namorados, a ausência completa de boa educação com que as pessoas se acotovelam nas ruas, etc., etc. Tudo isso constitui um clima, um «back ground» que informa profundamente o espírito infantil e acaba por criar uma mentalidade.

A acrescentar a todo o mal que se faz mais ou menos inconscientemente, lembro que a rua é o local onde a criança é mais frequentemente tentada para o mal por todos os anormais e criminosos que abundam nas sociedades em decadência.

Perguntar-se-á, naturalmente: mas que fazer perante tudo isso? Quem deve actuar para remediar tal estado de coisas? A responsabilidade cabe a cada cidadão, e cabe aos poderes públicos.

Com efeito, se não basta a boa vontade de um número mesmo grande de pessoas contra a imoralidade e a falsa noção de liberdade que se evidênciam em todos os casos apontados, tão pouco basta a acção repressiva da lei.

A autoridade pública há que pedir uma vigilância conscienciosa de modo a salvaguardar a pureza dos costumes e um serviço inteligente de censura que se exerça sobretudo em relação a tudo o que é atentado contra a dignidade da pessoa humana, contra a moral ou contra a arte, pois essas violações é que são responsáveis, na maior parte dos casos, pelos desvios sociais ou políticos que a censura tão zelosa é em reprimir.

Mas, a cada um de nós, que formamos a multidão imensa que se movimenta nas ruas, pede-se mais seriedade, mais reserva nas atitudes, nos gestos, nos trajos, nas palavras; pede-se mais verdade e mais pureza, mais educação e mais bom-gosto; pede-se a realização da justa noção de liberdade que é o uso de todos os nossos direitos, enquanto eles não interferem com os direitos dos outros.

E não terão as crianças direito à pureza, à educação, ao bom-gosto?

Os divertimentos infantis

A necessidade de divertimentos para as crianças tem o seu fundamento em duas características do espírito infantil: o sentido lúdico e o sentido mítico. Pelo sentido lúdico, a criança expande a sua necessidade

de actividade, realiza o «trabalho» que lhe é próprio. As brincadeiras e os jogos têm para ela uma importância que o adulto deve compreender e valorizar, sugerindo com muito tacto aqueles que mais possam ajudar a formação da inteligência, da vontade e da sensibilidade.

A escolha criteriosa dos brinquedos, adaptados à idade, temperamento, sexo e época em que a criança vive; o conhecimento de jogos interessantes; a compreensão do que significa todo o exercício físico ao ar livre para a criança; a capacidade de, sem ares paternalistas nem crianças ridículas, participar com simplicidade nas brincadeiras infantis, são tarefas obrigatórias para todo o educador.

O sentido mítico leva a criança a interessar-se apaixonadamente por todas as histórias de ficção, quer sejam escritas ou representadas. Devido ao papel desempenhado pela imaginação no conjunto psicológico — a imaginação situa-se no ponto de encontro do puramente sensível com o puramente intelectual, sendo portanto fundamental no equilíbrio do espírito humano — pode dizer-se que são talvez os divertimentos relacionados com esta faculdade os que têm uma influência mais forte na personalidade infantil.

Basta lembrarmos, talvez, a influência exercida em nós próprias, por velhas histórias contadas pelas criadas, à noite, «para os meninos adormecerem».

Se algumas possuem um encanto muito especial, outras não se caracterizam propriamente pela suavidade.

São frequentes as perturbações psicológicas (o medo, sobretudo) originadas por histórias absolutamente inadequadas a crianças. Julga-se que, para lhe satisfazer a imaginação e o gosto pelo maravilhoso, basta arranjar na história um monstro, bichos que falam e se transformam em pessoas e vice-versa, fenómenos estranhos que apavoram.

Ainda aí, o adulto mede a criança pela sua própria craveira. Como para ele o maravilhoso só está fora da realidade, raciocina idênticamente em relação à criança. Ora, para esta o maravilhoso reside em tudo quanto existe, porque ela pressente o mistério que se esconde em todos os seres.

Contar uma história não é mais do que revelar o mistério das coisas simples.

No cinema e na literatura, são válidas as mesmas ideias. Se analisarmos serenamente o que se tem feito neste capítulo, concluiremos pela necessidade de um estudo sério sobre o problema.

A lei dos espectáculos, enquanto lei, significa já alguma coisa para a resolução do problema do cinema; mas havemos de confessar que, na fase em que se encontra, não significa senão um primeiro passo.

Não basta condenar o que é mau; é preciso fazer amar o que é bom.

Não basta proibir a entrada no cinema às crianças que ainda não têm idade para ver determinadas fitas; é preciso descobrir distrações e divertimentos que as interessem e substituam com vantagem os primeiros.

Aparte uma ou outra tentativa esporádica de matinées infantis, as empresas são suficientemente ciosas dos seus lucros para contratarem filmes cujo tempo de cartaz é efémero.

Mas não pode o Estado exercer, aqui, a função supletiva que lhe cabe na educação? Tão pouco a lei, teòricamente em vigor, o é rigorosamente na prática. Podemos dizer que ela é quase realmente inexistente, sobretudo nos cinemas da provincia.

Não poderiam as escolas realizar sessões periódicas de cinema?

Ainda neste aspecto, parece-me também que raparigas e senhoras casadas podiam desenvolver uma acção com imenso interesse, promovendo festas de crianças para crianças.

No que se refere à literatura, o problema é angustiante. Há centenas de livros, chamados «para crianças», mas que, na maioria, ou são condenáveis ou pouco aconselháveis, quer no aspecto literário, quer no aspecto moral.

Não há, no nosso país, controle de literatura infantil. Os **magazines** brasileiros continuam a ser importados e imensamente divulgados entre os garotos.

A primeira tentativa séria é a que está fazendo o Serviço de Leituras da Direcção Nacional da J. C. F., publicando periòdicamente críticas de literatura infantil (1).

Mas também, aqui, não basta criticar. É preciso quem escreva livros para crianças; mas, autênticamente, para crianças! Simples, suaves, profundos, humanos. Sem erros de gramática nem de ortografia. Sem ilustrações tolas.

E, se não for fácil escrever livros, então que se aproveitem as centenas, os milhares de bons livros que a França, os Estados Unidos, a Alemanha e tantos outros países têm publicado. Façam-se boas traduções ou adaptações e sirva-se, assim, a criança portuguesa.

Quem está disposta a lançar-se de alma e coração a esta tarefa?

Mas ainda há outro aspecto da questão não menos importante para um país como o nosso, em que só uma minoria tem um alto nível económico.

Muitas crianças não têm livros, porque lhes falta dinheiro para os comprar. É a altura de nos fazermos eco da ideia defendida no artigo «A Criança e os Livros», de Maria Isabel de Mendonça Soares (in «Vita Nova», n.º 50).

Os grupos infantis

O sentido social é profundamente vivo na criança. Fácilmente, estabelece contactos, cria novas relações, se familiariza com os outros.

(1) Haverá alguém com interesse em dar a sua colaboração a este trabalho?

Cabe ao educador aproveitar com inteligência essa característica, controlando a escolha dos grupos, em que a criança naturalmente se insere (os companheiros da escola, os amigos de brincadeiras, as organizações infantis) e tornando-a capaz de ser, nesses grupos, um elemento de enriquecimento dos outros, pela simplicidade de trato, pela verdade das coisas que conta, pela humildade em aceitar derrotas, pela alegria sem espalhafatos.

Pergunto-me, muitas vezes, porque razão a amizade não é tida na devida conta pelas pessoas. E, quase sempre, encontro na base uma educação errada na infância: crianças que os pais, egoisticamente circunscreveram ao círculo familiar ou em quem despertaram, por métodos de emulação, o orgulho ou a inveja dos companheiros; crianças que não foram habituadas a um convívio leal e são com os outros, e a quem nunca ninguém mostrou praticamente que também se constroem comunidades de amor, fortes e grandes, para além dos laços de sangue.

A vida em grupos infantis é extremamente salutar para as crianças, pela experiência existencial que produz, pela possibilidade de serviço e amor dos outros que oferece, pelas condições favoráveis à expansão da alegria e da vitalidade infantis.

A primeira possibilidade que se oferece à criança, da experiência de grupos infantis, podia ser, quanto a mim, dentro do próprio ambiente familiar.

A mulher casada, que tem filhos pequenos, pode, com um pouco de trabalho e de imaginação, proporcionar, neste aspecto, momentos inescusáveis às crianças.

Porque não realizar, periodicamente, entre um grupo de famílias conhecidas, encontros das crianças? Com um programa para elas, em que haja mais qualquer coisa do que o clássico «lanche»?

As universitárias casadas poderiam realizar, neste campo, uma obra de imenso sentido humano, ao organizarem, em suas próprias casas, uma espécie de jardins infantis para um grupinho de crianças de todas as categorias sociais.

É difícil? Sem dúvida. Mas, talvez, valha a pena sacrificar as horas em que se preparam jantares de cerimónia em favor do interesse que tal iniciativa pode ter para as crianças...

Mas, se tal experiência tem interesse, é evidente que não esgota todas as possibilidades. E há outras que completam esta e que merecem ser estimuladas e orientadas por aquelas a quem Deus confiou, a duplo título, a missão de educar.

Penso em particular nas organizações juvenis, sobretudo confessionais.

Penso em organizações do tipo da Mocidade Portuguesa, que nasceram com o objectivo de «dar à juventude portuguesa uma formação integral, completando a obra da família e da escola», e onde as mulheres universitárias têm trabalho a fazer.

Penso nos pré-juvenis da Acção Católica que pedem angustiadamente

DESCOBERTA DE DEUS

Nas noites belas de Verão, a esfera celeste oferece-nos espectáculos maravilhosos. Já os antigos caldeus, dotados duma atmosfera límpida e calma, se deleitavam na contemplação do céu.

E como o espírito humano não é naturalmente passivo, como interroga e deseja saber o porquê das coisas, das suas observações começou a tomar forma essa ciência maravilhosa que se denomina Astronomia.

Desde então, o estudo do Universo, a sua interpretação tem apaixonado imensa gente, em todos os tempos.

É que a estrutura do Mundo, a compreensão ínteligente do Cosmos, leva-nos a penetrar nos segredos da Criação, nos segredos de Deus.

Já Kepler disse: «Pensar o mundo, é repensar os juízos de Deus».

E a beleza e harmonia do Universo, conduzem-nos directamente ao Senhor, Criador de todo o existente. Até Voltaire se inclina, perante a evidência, e confessa:

«L'Univers m'embarasse
Et je ne puis songer
Que cette horloge existe
Et n'ait point d'horloger.»

A Astronomia dos nossos dias, pela contribuição de várias fontes, tem progredido imenso, e oferece-nos um quadro harmonioso e fascinante do Universo. Procuraremos alcançar uma visão de conjunto.

Na contemplação do céu, não escapa à nossa observação, uma grande mancha esbranquiçada, que parece cortar toda a esfera celeste e que se denomina **Via Láctea** ou Estrada de Santiago.

À luneta, a **Via Láctea** aparece formada por uma multidão de estrelas individualmente invisíveis a olho nu. Herschel tinha admitido que a **Via Láctea** fosse a perspectiva, vista dum ponto interior, de uma aglomeração de estrelas relativamente achatada, de diâmetro muito maior que a espessura máxima.

Com efeito, as estrelas não estão repartidas ao acaso no espaço, mas num enxame muito achatado, que se denomina **Galáxia**.

Fizeram-se contagens de estrelas em várias direcções e deduziram-se as chamadas concentrações galáxicas. Essas concentrações é que levam à concepção do disco achatado admitido por Herschel.

Nota-se ainda que essa concentração é máxima a uma longitude galáctica de 320° e a uma distância aproximada de 10.000 parsecs.

Isto está de acordo com a ideia de que na **Galáxia** existe um núcleo, onde se concentram as estrelas.

Supõe-se actualmente que a nossa **Galáxia** tem cerca de 10.000 anos de luz de diâmetro e 10.000 anos de luz de espessura para o centro, com

o Sol situado pouco mais ou menos no plano médio de simetria a uns 30.000 anos de luz do centro.

Um dos mais notáveis trabalhos para o conhecimento da estrutura da Galáxia foi efectuado por Shapley — reconheceu que ela é como que cercada de enxames globulares — conjuntos de centenas de milhar de estrelas de forma sensivelmente esférica.

A Galáxia é, pois, um sistema bastante achatado de estrelas, acompanhado de um sistema de enxames globulares com o mesmo centro, mas esférico.

Já, desde há muito, se pensava que o achatamento da Galáxia era produzido por uma rotação geral que o produziria. Mas essa ideia foi confirmada. Estudando a distribuição cinemática das velocidades das estrelas vizinhas da Terra, descobriu-se, em primeiro lugar, o movimento do sistema solar para o Apex, ponto situado na constelação de Hércules. Corrigindo as velocidades das estrelas vizinhas desta velocidade solar, reconheceu-se que os extremos dos vectores representativos dessas velocidades tirados por um ponto, definem uma distribuição elipsoidal — o que os especialistas chamam o elipsoide de Schwarzschild.

E, ao lado desta distribuição, há uma outra, afectando uma minoria de estrelas, à volta de uma semi-recta no plano da Galáxia, denominada corrente assimétrica de Stromberg, Lindblad e Oort, nos princípios do segundo quartel deste século, apresentaram uma teoria, pela qual justificam estas distribuições das velocidades estelares — uma rotação geral da Galáxia em torno do seu centro.

À luz desta teoria, é possível fazer um cálculo da massa da Galáxia e, desse cálculo, deduzir o número de estrelas que a povoam: em média, mais de cem biliões! A corrente de Stromberg é explicada, nesta teoria, pelo facto de ser formada por estrelas lentas, que se atrasaram na rotação geral.

A rotação galáctica foi, ainda, confirmada pelo comportamento estranho de certos enxames estelares. À luz da teoria da rotação, tudo fica explicado.

Por meio das lunetas e telescópios, é possível reconhecer, no céu, além das estrelas e planetas, objectos luminosos de contornos indeciços, aos quais se dá o nome geral de nebulosos. Reconheceu-se que certos desses objectos são extremamente longínquos, muito para além dos limites da nossa Galáxia. Chamam-se, por isso, nebulosas extragalácticas, para as distinguir das nebulosas galácticas que pertencem ainda à nossa Galáxia.

Tratemos, em primeiro lugar, destas últimas. Há dois tipos diferentes: as nebulosas planetárias, que têm o aspecto de um pequeno disco mais ou menos semelhante a um planeta; as nebulosas difusas, que, como o nome indica, têm a forma de nuvens luminosas de contornos irregulares. Supõe-se serem formadas por nuvens de gás muito rarefeito, só adquirindo luminescência nas vizinhanças duma estrela brilhante que a provoque.

Contudo, essas massas de gás interstelar, que brilha na proximidade

duma estrela brilhante, podem estender-se a outras regiões, e, então, constituem nuvens absorventes. A presença destas nebulosas obscuras explica os numerosos espaços negros, que se observam na **Via Láctea**.

Falemos agora desses mundos estelares, semelhantes à **Via Láctea**, mas muito além dos limites dela. São as famosas galáxias longínquas ou nebulosas extragalácticas.

Classificam-se, ordinariamente, em nebulosas espirais, elípticas e irregulares. As espirais de tipo normal apresentam um núcleo mais brilhante, e, de dois pontos diametralmente opostos do núcleo, partem dois braços que se enrolam em espiral à volta dele, no mesmo plano e no mesmo sentido. Esta forma sugere imediatamente a ideia de uma rotação rápida.

As elípticas aparecem como objectos ovais de contorno indeciso, onde se não percebe nenhum indício de estrutura em espiral, nem da resolução em estrelas.

As irregulares não têm núcleo aparente, nem simetria de rotação. Os teóricos mais competentes pensam que estas diversas formas correspondem a diversos estados de evolução e que cada nebulosa passaria sucessivamente pelas diferentes classes. Contrariamente às nebulosas galácticas, que estão concentradas nas vizinhanças da **Via Láctea**, os sistemas extragalácticos parece evitarem a **Via Láctea**. A razão pela qual não os vemos nessa região é a sua ocultação pelas nebulosas obscuras da nossa Galáxia. A distribuição das galáxias no espaço é sensivelmente uniforme, o que não impede de encontrar, em certas regiões, uma acumulação de nebulosas, formando verdadeiros enxames de galáxias.

O estudo espectroscópico das galáxias revela-nos um facto notável — o deslocamento do próximo ultra-violeta até ao azul dos raios H e K das espirais, o que se interpreta à luz do efeito Doppler-Fizeau, como um afastamento desses astros.

E, caso curioso, como complemento, Hubble descobriu, em 1929, que essa expansão é tanto maior, quanto maior é a distância a que se encontram de nós.

Esta lei de Hubble dá ideia que o Universo está a expandir-se como que a explodir. Embora a recessão das galáxias nos surpreenda, até ao momento não há razão alguma para interpretar, de outra forma, o afastamento para o vermelho dos seus raios espectrais. E a razão fundamental pela qual a maioria dos astrónomos a supõem real é que ela tinha sido prevista por Einstein.

Na sua teoria da Relatividade, apresentou uma fórmula de gravitação que fazia interferir um termo cósmico — mostrou que era necessário juntar à força newtoniana, inversamente proporcional ao quadrado da distância, uma força repulsiva proporcional à distância. Esta força, que é desprezível para os corpos próximos, torna-se preponderante para as galáxias longínquas, dadas as distâncias enormes que as separam. Mas não pensemos que a nossa Galáxia ocupa uma situação privilegiada no espaço; ela participa da expansão do Universo. Um observador, colocado nou-

tra galáxia, veria as nebulosas afastarem-se de si, como nós vemos que se afastam de nós.

Esta visão de conjunto do Universo — enxames de galáxias afastando-se velozmente umas das outras, sujeitas a leis determinadas — surpreende-nos e eleva-nos.

Admiramos nela a sabedoria e o poder onnipotente do Senhor. E, se isso acontece numa visão geral, quanto de interessante, variado e grande nos revela, um estudo aprofundado dos assuntos!

E, que profunda lição de humildade nos dá o Cosmos! O homem desaparece em face da Obra criada por Deus; e a alma, elevando-se até ele, prostra-se em adoração.

Assim tem acontecido através dos tempos, como o testemunham as obras dos que já passaram.

Copérnico dizia, no seu prefácio ao «De Revolutionibus Orbium Caelestium»:

«Se há ciência capaz de enobrecer a alma, e de a remontar muito para além das misérias da terra, é, certamente, a Astronomia. De facto, quem é que pode contemplar a ordem magnífica com a qual Deus governa o Universo, sem se sentir inclinado a uma vida regulada, a praticar todas as virtudes, a ver, antes de tudo e em todas as coisas, o Criador como origem de toda a bondade?»

Kepler confessa ter consagrado a vida às leis do céu para glória de Deus.

E, o grande Newton remata os «Principia», dizendo: «A economia admirável do Sol, dos planetas e dos cometas só pode ser obra dum Ser onnipotente e inteligente».

Ternamente, repstimo, sinceramente, com Kepler (1): «Como é grande o nosso Deus! Céu, Sol, Lua, Planetas, contaí-nos a sua glória, na linguagem da vossa grandeza. Cantaí a Deus sinceramente harmonias celestes! Ó minha alma, principalmente tu, não interrompas, nunca, o hino de louvor à glória do Eterno. Canta-o sempre, enquanto a vida te durar».

Maria Fernanda Estrada

(1) — Kepler, in «Mysterium Cosmographicum»

«A obediência é o caminho para a liberdade; a humildade, o caminho para a felicidade; a simplicidade, o caminho para a personalidade.»

C. S. Lewis in «Transposition»

A miséria

no meio da abundância

Já em 1891, data gloriosa na história da Igreja (publicação da Encíclica *Rerum Novarum*), a voz do Pontífice se fazia eco da flagrante injustiça de as riquezas se terem acumulado nas mãos de uns poucos, enquanto a multidão de outros viviam em condições indignas de seres humanos.

Desde então, pode dizer-se que o assunto não mais deixou de preocupar todos aqueles que vivem atentos ao desenrolar da vida social. Em particular, sobre ele se debruçaram teólogos, economistas e sociólogos, procurando cada um deles contribuir para a resolução do problema com o enriquecimento que a sua especialidade proporciona. Alinham-se inúmeras obras em cada um destes ângulos de visão. Sucedem-se palestras, encontros, discussões, congressos.

Tal agitação dos estudiosos começa o abalar a consciência da massa e a despertá-la para a realidade da questão social. Hoje, pode dizer-se, ninguém a ignora. E mais. Começa a criar-se, por enquanto apenas nas elites, o sentido de que há algo a fazer ao alcance de toda a vocação pessoal. Em particular, nas elites católicas, levantam-se dúvidas, debatem-se questões quanto à apropriação e uso dos bens. Desperta o desejo de conhecer até onde pode ir a posse justa e começa a ilúcia, o que entender por supérfluo; o que constitui o essencial à realização de cada homem, etc., etc.

Tais interrogações são compreensíveis e podemos considerá-las como um dos índices mais seguros de que a sociedade hodierna não é inspirada no Evangelho, muito embora se continui a tomar como sinónimos as expressões «Civilização Ocidental» e «Civilização Cristã».

E isto porquê?

Em épocas de Cristianismo são, vivido, informador de mentalidades e de instituições, a sociedade vigiava a consecução do Bem Comum, e os homens, impregnados da ideia do amor ao próximo e apoiados por uma estrutura social inspirada também por sua vez no ideal cristão, não sentiam as incertezas da posse justa ou injusta pela mesma razão que nenhum de nós, em pleno campo, pergunta se deve ou não respirar o ar puro. Faziam-no simplesmente, com a simplicidade de quem tem a consciência em paz.

Mas o homem do século XX não tem a sua tranquila. Se é remediado ou rico, sente o remorso da parte que não é sua. Por isso, a sua cons-

ciência entra em conflito e põe interrogações. E, se as não põe, não é por pseudo-tranquilidade, mas por falta de coragem e coerência.

Em rápida análise, vamos fazer algumas considerações sobre o assunto, ligeiras pinceladas sobre tão magno problema sem outro objectivo que não seja o de o trazer à nossa consciência de católicos universitários. Não é um feixe de conclusões; são alguns princípios, em que cada um de nós tem o dever de meditar, aprofundar e discutir.

No que vai seguir-se, temos presente o volume que reúne os trabalhos da 39.ª Semana Social de França, realizada há dois anos em Dijon, e cujo tema se enquadrava no título «Richesse et Misère».

Nascida nas imediações da «*Rerum Novarum*», a Escola do Catolicismo Social não mais deixou de elaborar doutrina sobre a questão social. Em trabalhos de natureza vária, sempre se tem mantido viva essa preocupação, como o patenteiam particularmente as reuniões realizadas e que são conhecidas por Semanas Sociais.

Na Semana de Dijon, todos os estudos tinham como ideia fulcral a repartição da riqueza pelos indivíduos.

Na impossibilidade de trazermos para aqui todos os aspectos então focados, escolheremos um trabalho de síntese que, constitui, pode dizer-se, o fundamento doutrinário de apropriação dos bens. É do Cónego Jean Mouroux, professor de Teologia do Seminário Maior de Dijon. É com base nele que escrevemos as notas que seguem.

O problema da apropriação dos bens prende-se intimamente ao problema do Homem. Da concepção que fazemos do Homem e da Vida, decorre como consequência um tipo de posse. A exemplificar, haja em vista a síntese das concepções Cristã e Muçulmana, e as consequências a que nos conduzem. Na primeira: o Homem, Filho de Deus, em marcha para Ele, usando de tudo, dispondo de tudo em ordem à sua realização temporal e eterna. Na segunda: o Homem, escravo da Sociedade, dispondo ou não dos bens, consoante os interesses dessa sociedade.

Pondo de lado o contraste de concepções diversas e consequências a que conduzem, vamos deter-nos na concepção cristã.

O Cristianismo é a doutrina da Pessoa. Reconhece, no Homem, uma eminente dignidade que lhe vem da sua filiação divina. Atribui-lhe uma finalidade tão elevada na Ordem Criada — a participação na vida trinitária pela incorporação em Cristo — que a nenhum outro fim se pode subordinar. Tudo deve hierarquizar-se a este fim último.

Aqui, temos um primeiro dado para uma perfeita hierarquia!

A via por que o Homem chega a realizar o seu fim, concretiza-se na terra. É através de uma história pessoal e social, escrita neste mundo, que o Homem deve atingir Deus, e completar-se, completando o Universo. Tal história é uma síntese dos seus três mundos — terrestre, espiritual e divino — para cuja realização precisa de bens de cada uma dessas categorias.

O Homem tem uma vocação terrestre

Nasce, desenvolve-se condicionado ao material. Tem, por isso, necessidade de bens materiais para se realizar.

Os bens ganham valor porque mediata ou imediatamente servem à realização do Homem. O pão é bom porque alimenta o homem. E, assim, com todos os bens materiais. Eles não constituem bens em si mesmos, mas somente porque permitem que o Homem atinja a plenitude prevista por Deus para ele.

Estas considerações levantam todo o problema da hierarquização dos bens materiais — os bens que não ajudam, antes obstam à realização do homem; e da hierarquização dos fins — os fins materiais que devem subordinar-se aos espirituais e divinos.

O Homem tem uma vocação espiritual

Ainda que os adeptos das escolas materialistas se esforcem até caírem exaustos, não será nunca possível convencer os Homens de que eles são, apenas, animais movidos por instintos, pedaços de matéria ajustados às suas leis. E ainda que, por um absurdo aviltamento, chegassem a pensar assim, alguém que conservasse lúcida a Razão, observando-os, poderia gritar que mentiam.

A comprová-lo: os sentimentos de alegria ou de tristeza, de justiça e injustiça, de amizade ou de ódio, insusceptíveis de desaparecer por meras decisões convencionais.

Não é possível negar todo um mundo que se aloja em cada um de nós, tão verdadeiro como as mãos com que escrevo. Este mundo, invisível e transcendente aos limites da matéria, pressupõe uma categoria de bens «sui generis» — bens espirituais. Neles incluímos: a cultura, a paz, a liberdade, o conhecimento, a consciência, etc.

Ainda, aqui, um problema de hierarquização que a Fé, corroborando a Razão, resolve, dando primazia aos fins espirituais sobre os materiais, mas subordinando-os aos sobrenaturais.

O Homem tem uma vocação divina

Nesta terceira etapa, cúpula das anteriores, temos de socorrer-nos da Fé. Com efeito, a potencialidade da Razão basta-nos para compreender o domínio material e espiritual da vocação humana; contudo fica aquém desse outro domínio não menos verdadeiro — o domínio do sobrenatural. Ele necessita da luz da Fé.

É pela Fé que conhecemos a nossa condição de seres feitos à imagem de Deus, criados para uma bem-aventurança eterna de comunhão divina. Só pela Fé descobrimos que o Homem realiza não somente a unidade do Corpo com a Alma, mas também a síntese de ser espiritual, incarnado com uma vocação divina.

Esta última etapa da sua realização pressupõe nova ordem de bens — os bens sobrenaturais, os quais apresentam uma característica diversa dos outros dois tipos. É que o Homem não pode possuí-los, usando as riquezas que o mundo lhe oferece, mas desejá-los, subordinando todos os outros bens a estes bens «na orientação absoluta de todos os outros fins a este Fim, na integração absoluta de todos os outros amores a este Amor».

Deparamos, pois, com esta verdade — a vocação do Homem é transformar o sinal de contradição dos seus três mundos numa síntese harmónica. Como diz o Cónego Jean Mouroux, «uma síntese tremendamente difícil, de dominação e submissão, de interioridade e consagração, de desprendimento e comunhão».

É, no fundo, a frase de S. Paulo, chave para o problema da posse — «tudo possuir como se nada tivesse».

O problema da hierarquização dos bens ficaria incompleto, se não definíssemos um outro aspecto da vocação humana que é o facto de o Homem se realizar em sociedade. É intrínseco à sua natureza de ser humano, o desejo-necessidade de viver em grupos ou formações sociais.

Não se torna necessário explicar largas considerações para concluirmos que à sociedade assiste o dever de velar para que o Homem encontre todos os bens de que necessita. E isto como lei geral para todos os membros dessa sociedade e não somente para alguns deles. Ora, as estruturas sociais modernas realizam mal este fim. Não obstante os níveis de produção muito superiores aos dos séculos passados, não obstante os progressos conseguidos no domínio da técnica e das perspectivas de riqueza vislumbrada, nunca, como em nossos dias, cresce o número daqueles a quem a miséria levou a condições de vida infra-humanas.

Apesar da miséria ser um constante da realidade histórica, na sociedade contemporânea, toma um aspecto mais crucial e alarmante, porque contrasta flagrantemente com as fabulosas riquezas de outros pequenos grupos, únicos a beneficiar do progresso e da riqueza.

Ao lado dos «espadas», das peles, das festas e das jóias..., a multidão dos indigentes, mal alimentados, mal vestidos, que têm por abrigo um tugúrio e por ideal de vida a luta pelo comer e pelo vestir. Cada dia, morrem no mundo inteiro alguns milhões de seres humanos a quem as condições de vida foram obstáculo a que pensassem nos problemas do espírito. Não é que se negue a possibilidade de alguém, em grande miséria, se voltar para Deus e lhe consagrar o seu sacrifício e morrer de fome e de frio, bendizendo ao Senhor. Há tantos milagres da Graça!

Simplemente, é facto que na ordem actual, o Homem necessita de um mínimo de bens materiais para que passe a ocupar-se dos problemas do espírito.

Pense-se, então, no escândalo de uma sociedade dita cristã que praticamente nega a alguns milhões de seres humanos a possibilidade de realizarem em plenitude, a sua vocação de filhos de Deus...

Não pondo de lado o imperativo de um aumento crescente no nível de produção de cada país e de maiores produtividades, há um aspecto que importa fazer ressaltar na orientação destas considerações — é a necessidade de uma justa hierarquização de fins e de meios. Para o conseguir, há que operar reformas oportunas; há, também, que renovar mentalidades, sem o que toda a reforma será inoperante.

Para nós, católicos, a renovação tem de principiar pela descoberta e vivência do espírito de pobreza. E, no fundo, que é a pobreza evangélica, senão sábia hierarquia de valores? Que é, senão o uso justo dos bens materiais, espirituais e sobrenaturais, com vista ao Supremo Bem, Deus?

Cada um de nós tem uma vocação de pobreza a realizar, dentro das condições impostas pela função social que desempenha. Pode falar-se de uma **vocação pessoal de pobreza** para significar que ela se tem de concretizar de maneira diferente para cada um de nós. Diferente de um religioso para um leigo; diferente de uns para os outros; o que não pode esquecer-se, é que é **lei geral para todo o baptizado**.

Em qualquer situação, haverá, sempre, um tipo de posse cristã que o Cónego Mouroux, sintetiza assim: «será um **uso livre**, porque o cristão só depende verdadeiramente de Deus; um **uso despreocupado**, porque não pode considerar-se um fim em si mesmo; um **uso liberal**, porque inspirado sempre pelo amor a realidades mais sublimes e sempre aberto ao serviço de Deus e do próximo».

Do que atrás ficou dito, cada um procure aprofundar, assimilar, fazer passar do especulativo à vida, por uma conversão firme a um Cristianismo cada vez mais puro.

Não nos atardemos com palavras bem sonantes; realizemos, na nossa Vida, as verdadeiras duras da mensagem Cristã, sem esquecer que «a história pessoal e social com que o Homem caminha para Deus» tem, desde há vinte séculos, a garantia da Cruz.

Maria Manuela Silva

«Não teremos uma sociedade cristã, enquanto a maior parte de nós a não quiser; e nós não a queremos, enquanto não formos plenamente cristãos. E eu não serei cristão, enquanto não amar o próximo como a mim mesmo; e eu não o amarei como a mim próprio, enquanto não aprender a amar a Deus; e eu não posso amar a Deus, enquanto não quiser obedecer-Lhe.»

C. S. Lewis in «Mere Christianity»

Europa...

...CENTRO DO MUNDO?

Sempre que, em qualquer circunstância de tempo ou de lugar, se fala da Europa em termos gerais, uma ideia que imediatamente acode ao espírito de toda a gente — ainda que para ser defendida por uns e negada por outros — é a de considerar como «centro do mundo» essa reduzida parcela do Velho Continente. Tomada, ainda em nossos dias — embora de modo progressivamente menos acentuado — como padrão do Universo, é, pode dizer-se, em função da Europa que tudo se pensa e tudo se constrói; e não em poucos aspectos se tem mesmo exorbitado, a ponto de fazer reduzir a ela o mundo todo.

Reflexo flagrante desta tendência geral vamos encontrar na própria concepção da História, tal como tantos séculos a aceitaram — concepção que até mesmo o nosso tempo não foi capaz de abandonar, ainda, por completo. Na verdade, fazer História Universal — nos seus múltiplos aspectos de ordem cultural, política, social ou económica — quase sempre não tem sido mais do que fazer a análise dos factos históricos tal como se têm dado na Europa, e, quando muito, também em certas regiões geográficamente confinantes com ela ou directamente subsidiárias da sua evolução.

A História da Europa, tomada assim por eixo da História do Universo ou mesmo por síriro dela, surge nos pois, como a expressão mais acentuada de um conceito manifestamente deformado, que, desde há milénios, se instalou e perdura, ainda, em grande parte no consenso dos homens (até mesmo de muitos não-europeus, acentue-se). Conceito **deformado** — dizíamos — e não propriamente **errado**, porque é possível encontrar de facto, na própria História, através de análise imparcial, uma relativa justificação, dada por certa parcela de verdade que surge ligada a ele. Não se pense, pois, que, para fazer a rectificação desse conceito antigo, tornado lugar-comum, teremos de rejeitá-lo quase por completo ou de limitar-nos a conferir-lhe um sentido estritamente geográfico — baseado na posição central que, de facto, a Europa ocupa no planisfério, em relação aos demais continentes.

Com efeito, não será difícil, a quem conheça sofrivelmente a História, aceitar como um facto incontestável o papel proeminente desempenhado, desde longa data, pela Europa, em relação às outras regiões do planeta — caminhando quase sempre na vanguarda, embora não tenha sido ela, como por vezes se julgou, o berço das mais remotas civilizações. Na verdade, factores de vária ordem — que o carácter breve deste artigo não permite aprofundar ou mesmo referir — concentraram no continente

europeu, desde a Idade Antiga, um potencial de capacidades de toda a espécie, que fizeram dele verdadeiro centro impulsionador da marcha da humanidade nos caminhos da civilização (ainda que para isso tivesse recebido e valorizado legados oriundos de outras regiões).

Depositária da herança greco-latina, que viu florescer no seu meio como privilégio singular, a Europa recebeu directamente — a encher de luz esse quadro cultural sem paralelo na História — um património mais valioso ainda: a semente do Cristianismo, que veio ter aqui o seu berço — pode dizer-se — tão cedo passou da Ásia Menor para o solo europeu, que os próprios Apóstolos vieram cultivar pela pregação do Evangelho e que os primeiros mártires quiseram consagrar com o testemunho do seu sangue. Assim, pôde o Cristianismo criar na Europa as suas raízes profundas, florescendo e lançando os seus troncos para toda a terra. Na Europa, acendeu ele esse facho de luz que veio finalmente dar significado pleno à vocação civilizadora, que — podemos dizê-lo — nascera com o continente europeu.

De facto, foi então que — implantada no seu solo a cátedra de Pedro e congregados à sua volta todos os povos que já anteriormente, embora em base menos sólida, a forte estrutura do Império romano conseguira abraçar — foi, então, que a Europa encontrou, por alguns séculos, alicerçada nessa unidade, a força espiritual que irresistivelmente a impulsionou a sair das suas fronteiras, porque estas limitavam uma superfície demasiado acanhada para as dimensões do Ideal que norteava os seus caminhos. A Europa tinha compreendido a sua vocação, e sentia-se em condições de dar, na mesma medida grande, em que tinha recebido; por isso, quis sair de dentro dos seus limites reduzidos e foi por esse mundo — levando à frente a Bandeira de Portugal, que outros acompanharam depois — fazer brilhar o facho da civilização e multiplicar a semente da Fé até aos confins da Terra.

Não passaram, contudo, muitos anos sem que começasse a ser desvirtuado, na própria origem, esse impulso criador. A Europa esqueceu depressa que o sentido autêntico da vocação, a que fora chamada, consistia em semear, não em colher; e, invertidos estes termos fundamentais, foi-se transformando, pouco a pouco, de foco de irradiação de um património espiritual de ordem transcendente, em centro de convergência de baixos interesses de exploração material (recorde-se, a propósito, o que já aqui foi dito a este respeito, num artigo acerca da África). E esta inversão do sentido da missão europeia no mundo — inversão que poderia ter sido a origem da sua ruína total — foi, pelo menos, a causa da crise profunda, em que a Europa se vem arrastando, desde há séculos, e de que ainda não conseguiu libertar-se.

Com efeito — desvirtuada assim a essência da sua vocação em empresa, quase exclusiva, de domínio territorial e monopólio económico — a desagregação progressiva das forças espirituais, que tinham conseguido manter sempre renovada a energia criadora da velha Europa, começou

pela dissolução dos costumes (que necessariamente havia de seguir de perto, como sempre sucede, a entrega dos indivíduos e dos povos aos perigos de uma vida fácil). E essa desagregação, manifestada na ordem moral, culminou, na ordem religiosa, com a cisão já longamente preparada por certas querelas e consumada, por fim, com a revolução protestante. De então para cá — quebrada a unidade espiritual e desfeita, assim, a estabilidade interna — não mais a Europa teve forças para continuar no mundo a sua missão única; pode dizer-se que perdeu, mesmo, a consciência do rumo e do conteúdo dessa missão, abafada no torvelinho de lutas continuadas e na confusão de ideologias que o foco venenoso da revolução francesa se empenhou, depois, em espalhar por toda a parte.

Foi este o estado de coisas que preparou o panorama caótico desta Europa trágica dos séculos XIX e XX. À luz desse ambiente de guerra, certos factores de desagregação que, desde longe, tinham ameaçado minar a estrutura interna do continente europeu (entre os quais avultavam a diversidade de raças fortemente personalizadas e a sede de domínio de certos imperialismos), mas que haviam podido ser, até certo ponto, neutralizados pela forte coesão alcançada sob a égide da Igreja — esses factores, dizíamos, puderam exercer livremente a sua acção nefasta, agora que tudo se empenhava e se conjugava para diluir, ou mesmo tentar anular, toda a influência espiritual do Catolicismo.

Que fora feito dessa comunidade europeia, cujo clima próprio fora alicerçado, durante séculos, na comunhão de um mesmo fundo cultural, uno para além das variantes nascidas da diversidade étnica dos povos que lhe assimilaram a seiva e que assim mesmo se enriqueceram? Pode dizer-se que todas, ou quase todas as unidades profundas, criadas pelos traços de um destino comum de tantos séculos, foram esquecidas, para avultarem quase exclusivamente as divergências ocasionais, nascidas de causas secundárias. E assim se foram acentuando todas as fronteiras e cavando todos os abismos que haviam de dar a Europa retalhada dos nossos dias.

Encontramo-nos, hoje, em face de um continente irredutivelmente dividido a meio por essa espessa «cortina de ferro», a separar dois mundos que são dois focos de discórdia: para Leste, o inferno do ateísmo militante, organizado na forma imperialista mais despótica; para Ocidente, o caos de um axadrezado de nações, que pretendem buscar em ocas fórmulas de compromisso de ordem política, económica ou militar, um entendimento que só um retorno às linhas de força do seu património espiritual comum poderia tornar realizável. Não se trata, com isto, de pretender reconstruir, agora, a comunidade europeia nos mesmos moldes materiais — passe a expressão — em que a Idade Média a concebeu e realizou, em larga medida; trata-se, no entanto, de tentar reviver o mesmo espírito, de fazer apelo à mesma fonte de inspiração, no sentido de conseguir a reintegração dessa unidade que se desfez — tudo isto, evidentemente, não

perdendo nunca de vista e tomando sempre como pressuposto, em legítima medida, o diferente condicionalismo do nosso tempo.

Não será, pois, só por convenções políticas, por acordos económicos, por alianças militares, que poderá reconstruir-se, em nossos dias, uma comunidade europeia em sentido autêntico. Toda a letra dos tratados será morta, se a não vivificar o espírito de que falamos. Para quê, toda essa diversidade de convenções e acordos, que — em número decerto sem precedentes na História — se estabelecem e desfazem actualmente (haja em vista o que não há muito se passou com a tentativa de organização da Comunidade Europeia de Defesa) — para quê isso tudo, enquanto não começar por ser vivido, na alma de cada cidadão europeu, o grande mandamento cristão?

Na verdade, não podem restar-nos dúvidas a este respeito: ainda mesmo quando bem intencionada, a acção desenvolvida pelos governos, em busca de fórmulas ideais para um entendimento entre os povos, resultará sempre estéril, se lhes não corresponder essa atitude interior, reflexo de vivências pessoais, dos grupos humanos que esses governos representam. Temos de convencer-nos de que o ambiente exterior de guerra pelas armas, em que se tem debatido o nosso século, é consequência quase inevitável de um mal muito mais profundo; é que o gérmen permanente da discórdia — concretizado, ou não, em batalhas — encontra-se implantado no espírito dos povos da Europa, desde que eles perderam o sentido de uma cultura milenária que lhes era própria e cuja base de sustentação assentava numa Doutrina que preconiza o verdadeiro entendimento entre as nações, pela lei do Amor.

— Que mais será preciso acrescentar para tornar evidente a extrema importância do papel a desempenhar pelos intelectuais católicos nessa tarefa gigantesca de reconstrução de uma Europa unificada na ordem espiritual — condição indispensável do seu retorno ao rumo da vocação que foi chamada a realizar no mundo?

A esse escol, tem de caber a dianteira na orientação dos povos para o caminho abandonado; a ele, tem de ser pedido, no campo das ideias e das realizações, um esforço sem medida para a formação das gerações novas, nesse «clima» de responsabilidade que possa colocá-las à altura da sua missão na hora decisiva que vivemos. Missão que assume, para nós, dimensões de abismo e de montanha, se tivermos bem presente que — dada a predisposição inata em muitos povos para aceitarem, quase incondicionalmente, tudo o que lhes surge com rótulo europeu — o mundo de hoje poderá, na realidade, salvar-se ou perder-se, consoante a orientação, para a vida ou para a morte, que a Europa souber dar-lhe, nesta hora.

«Pax Romana» — não podendo descurar o que cumpre considerar-se, como vemos, autêntico problema-chave para a construção de um mundo novo, nos nossos dias — desde o início tem encarado com particular aten-

ção a questão europeia e orientado com o maior interesse o trabalho das Federações respectivas — trabalho esse em que surgem, naturalmente, dificuldades sem conta, porque nele se repercutem, por forma mais ou menos directa, nos planos nacional e supranacional, as condições actuais de vida do continente europeu. As chamadas «Journées Européennes» — dias de estudo realizados anualmente por ocasião das Assembleias Interfederais do MIEC — que podemos salientar entre muitas outras iniciativas levadas a efeito para intensificar o intercâmbio cultural e fomentar o espírito de compreensão mútua entre as Federações da Europa — as «Journées Européennes» não têm outro objectivo essencial que não seja o de congregar os representantes dessas Federações tão diversas, para a análise em conjunto de problemas relacionados com o esforço comum a dispender por todas e cada uma delas, no sentido da desejada revivência da comunidade europeia.

Na verdade, todas as tentativas não serão demasiadas nem superfluas, se quisermos trabalhar por colocar, de novo, a Europa no caminho da sua vocação, que os últimos séculos têm visto atraçoada nos seus fundamentos. Porque, para ajudar a vencer a crise tremenda, em que o mundo todo se debate, é indispensável que ele possa voltar a pôr, na Europa — que não deve furtar-se, hoje, ao peso da responsabilidade de tê-lo feito despertar, noutras eras, para os horizontes da civilização — a esperança na continuidade da missão interrompida.

Não esqueçamos, por um só momento, que a vocação da Europa está longe de poder considerar-se realizada; tenhamos, sempre, presente que ela não poderá cumprir-se em plenitude, enquanto por esses continentes existir um povo que não tenha visto ainda a luz de uma concepção cristã da vida.

O continente europeu é, na sua essência, um continente missionário; só nesse sentido poderemos aceitar e entender essa expressão — «Europa, centro do mundo» — instalada, em geral, na mente dos povos com um sentido deformado, a que nos referíamos atrás. **Centro**, com efeito; mas **centro** encarado dinamicamente, como foco de irradiação e de criação de valores novos — nunca tomado como ponto de convergência e de absorção, a esgotar, em seu exclusivo favor, energias próprias e alheias. (Pode aqui recordar-se ainda o que foi dito, em artigos anteriores, acerca da Ásia e da África, e é, portanto, desnecessário repetir agora — sobre o significado e amplitude da missão civilizadora da Europa em relação aos outros continentes).

E, para terminar, estas palavras do Santo Padre Pio XII: «... para além de fins económicos e políticos, a Europa unida deve dar-se, por missão, a afirmação e a defesa dos valores espirituais que, antigamente, constituíam o fundamento e o sustentáculo da sua existência. Ela tinha, outrora, a vocação de os transmitir às outras partes do mundo e aos outros povos. Por um esforço penoso, deve procurá-los, hoje, de novo, para sal-

(Continua na pág. 32)

Noticiário da «Pax Romana»

Noticias de todo o Mundo

❖ Realizou-se em Friburgo, em fins de Fevereiro último, a habitual reunião do «Comité Directeur» de «Pax Romana» — M. I. E. C. — durante a qual os membros daquele «Comité» — em que se conta a Presidente Geral da JUCF, Maria de Lourdes Pintasilgo, que também se deslocou à Suíça para tomar parte na reunião — analisaram a situação actual do Movimento, em seus múltiplos aspectos, com vista ao estabelecimento das linhas gerais de orientação do trabalho futuro.

❖ De 19 a 21 de Maio, terá lugar em Montallegro, na Itália, uma Assembleia Geral do «Secretariado Internacional dos Engenheiros Agrónomos e Organizações Económicas», promovida por «Pax Romana» e destinada ao estudo do tema: «As repercussões humanas do aumento da produção nas empresas agrícolas e industriais».

❖ Realizar-se-á, em Julho, na Suíça, uma Semana de Estudos para mulheres universitárias (M. I. I. C. — M. I. E. C.), subordinada ao tema geral: «A mulher universitária em face do casamento e do celibato» — tema que constitui, também, como se sabe, o objecto de uma das Comissões de estudo do próximo Congresso Mundial da «Pax Romana».

❖ A K. D. S. E. (Alemanha) promoverá, durante a segunda quinzena de Julho, em Berlim, um Encontro de estudantes, destinado ao estudo das condições criadas pela actual divisão da Alemanha.

❖ Também na Alemanha, em Gern, se realizará, de 10 a 16 de Agosto, um Encontro Internacional de Estudantes, promovido por «Pax Romana» e subordinado ao tema: «A família».

❖ A F. F. E. C. pensa organizar este ano, na região de Toulouse, durante as férias grandes, um Encontro Franco-Espanhol de Estudantes.

Noticias dos Subsecretariados...

...de Engenharia

Este Subsecretariado promove, este ano, a realização de mais uma Semana de Estudos, que decorrerá em Aix-la-Chapelle (Alemanha), de 24 de Julho a 1 de Agosto, versando o tema geral: «Formas de materialismo entre os estudantes de engenharia católicos».

«Fugir ao Grande Plano, não é humildade; é preguiça e covardia. Submeter-se a ele, não é presunção ou megalomania — é obediência.»

C. S. Lewis in «Transposition»

Maria Silenciosa

Diz uma tradição, que os três habitantes da Santa Casa da Nazaré quase nunca falavam.

As doces conversas celestes, que imaginamos como uma parte da vida da Sagrada Família, não existiram.

Reinava nela um silêncio profundo, mais profundo que o que reina numa solidão de lágrimas ou numa Cartuxa, onde os ventos gemem através dos corredores abalando as janelas enquanto todo o resto permanece silencioso como um túmulo.

As palavras de Jesus eram muito raras. É por isso que Maria as conservava no seu coração, visto que, como os fessouros, eram tão raras como preciosas.

Se reflectirmos, veremos que não podia ser doutra forma.

Deus é muito silencioso. No que respeita a Maria, o Evangelho confirma a tradição. O pequeno número de palavras de Maria, que se encontram narradas, é espantoso.

Quer ela se encontre em movimento ou em repouso, aparece sempre como uma bela estátua cuja beleza é a única linguagem. Isto é tão impressionante que alguns santos contemplativos supuseram que, na sua humildade, Maria tinha ordenado aos evangelistas que suprimissem, no que lhe dizia respeito, tudo o que não fosse absolutamente necessário à doutrina de Nosso Senhor.

São João, que viveu mais de perto com a Santíssima Virgem, não diz quase nada dela; São Marcos não a menciona senão uma vez e duma maneira indirecta.

Sem dúvida nenhuma, não houve Santo que praticasse o silêncio como ela o fez. O seu silêncio para com S. José, prova-o maravilhosamente.

Mas como podia ela, deixar de ser silenciosa? Uma criatura que tinha vivido tanto tempo com o Criador não podia falar muito; o seu coração estava cheio, a sua alma reduzida ao silêncio.

Ela tinha trazido Jesus nos seus braços. Tinha velado por ele, enquanto dormia. Tinha-lhe dado o seu leite; tinha-O olhado nos olhos. Ele tinha-lhe revelado o coração. Ela tinha aprendido a compreendê-lo.

Sabemos como Deus é silencioso. Entre o Criador e a criatura, em relações tais como as que existiam entre Jesus e Maria, o silêncio, mais do que as palavras, era uma linguagem. Que teriam podido fazer as palavras? Que teriam elas podido dizer? Não teriam aguentado o peso dos pensamentos da Mãe, quanto mais a dor do Filho. Falar teria sido um esforço, uma condescendência, uma descida da montanha, tanto para Maria como para Jesus. E porquê descer?

Também S. José permanecia muito alto entre estas montanhas de

silêncio, tão alto que nenhuma voz, nenhum eco da tuna podia chegar até ele.

Entretanto, os sofrimentos de Maria quando perdeu Jesus, excederam não só o poder mas os direitos do silêncio.

Arrastaram a natureza de Nossa Senhora até aos últimos limites da sua faculdade de sofrer. Forçaram-na a fazer o que era proporcionado à sua violência, quer dizer, a procurar o último refúgio de criatura, abrindo inteiramente o seu coração ao Criador.

A perfeição de Nosso Senhor, na Sua natureza humana, atingiu o seu mais alto ponto, numa palavra. O Seu silêncio era, sem dúvida, uma adorável perfeição, mas havia ainda mais sublimidade neste grito que se escapou dos Seus Lábios: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Foi então que a Sua Paixão atingiu os últimos limites da Sua Humanidade.

Foi assim que a nossa Mãe bem-amada teve a sua paixão no fim da infância de Jesus e a sua compaixão ao mesmo tempo que a Paixão de Nosso Senhor, no fim do ministério público.

As trevas da terceira dor foram o Gethsémani; a perda de Jesus foi a crucifixão da alma da Santíssima Virgem. A queixa de Maria, o Seu grito sobre a cruz.

Padre Faber

(Tradução e adaptação de M. L. G.)

Trabalho e Dignidade Cristã

Para estudar à luz da doutrina cristã alguns dos problemas da Juventude trabalhadora e contribuir dentro das suas possibilidades para a sua solução, realizaram a J. O. C. e a J. O. C. F., de 12 a 17 de Abril passado, o seu I Congresso Nacional.

Universitárias responsáveis que seremos chamadas a dar em todos os meios o melhor da nossa inteligência e da nossa vida, católicas irmãs pela mesma ânsia de renovação do mundo em Cristo, não nos era permitido o ficar alheias aos esforços dos nossos irmãos.

Recordando, pois, alguns dos temas estudados durante a semana do Congresso — «A Juventude Trabalhadora e a Vida Familiar», «A Juventude Trabalhadora e a Vida Profissional», «A Juventude Trabalhadora e as horas livres» — demos a palavra aos próprios jocistas, transcrevendo algumas das realidades apresentadas e, concomitantemente, o seu desejo de as transformar de modo profundamente cristão:

«Todos os anos deixam a escola dezenas de milhar de adolescentes do meio trabalhador e ingressam nas fábricas, nos atelieres, nas oficinas,

sem qualquer preparação profissional, na maioria dos casos entregues e abandonados a si próprios.

Milhares de jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras vivem ainda nos nossos dias em condições anti-humanas, sujeitas a todos os perigos morais que a promiscuidade acarreta.

Adolescentes que deixam as escolas e jovens adultos, vítimas pelas crises de desemprego, vagabundeiam à espera de trabalho sofrendo as consequências graves de tal situação: desencorajamento, hábitos de inactividade e de preguiça, desinteresse pelo lar, perigos nos domínios moral e religioso.

Milhares de jovens trabalhadores e de jovens trabalhadoras são atacados na sua dignidade, considerados máquinas em favor da produção, esquecidos que foram por muitos, os princípios que respeitam a sua vocação de filhos de Deus, e o seu destino temporal e eterno.

A grande maioria dos jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras vive indiferente ou ignora mesmo a sua vocação humana e divina.

É pois missão da J. O. C., formar um laicado que aja no meio da Juventude Trabalhadora, isto é, dar-lhe a partir de hoje, militantes capazes de transformar a massa e os meios de vida da massa.

Dar aos jovens trabalhadores uma formação autónoma, adaptada à sua idade, que os auxilie desde já a exercer as suas responsabilidades operárias e apostólicas.

Preparar e orientar os jovens trabalhadores como futuros chefes operários leigos. É através da J. O. C. que eles poderão fazer no concreto a aprendizagem da sua missão de amanhã na classe operária inserindo-se plenamente na acção operária, participando activamente no esforço de todos os trabalhadores para a formação operária.

Despertar o interesse pela Juventude trabalhadora em todos aqueles que são responsáveis pelo seu destino».

Confirmados em Fátima, aos pés da Mãe de Deus, os seus propósitos, abre-se agora para a J. O. C. e J. O. C. F., como sempre sucede após todos os grandes Congressos, um horizonte vastíssimo no mundo do apostolado, a realização e consolidação dos planos delineados.

Com a graça de Deus, a Juventude trabalhadora há-de ser digna de os levar a cabo.

Traduções portuguesas de algumas obras de C. S. Lewis:

«O Problema da Dor» — trad. J. Silva Godinho.

«Para além da Personalidade» — trad. Prof. Dr. António Gonçalves Rodrigues.

«A Lei Moral e o Sentido do Universo» — trad. Armando Carreira.

«... E ao próximo como a nós mesmos» — trad. Armando Carreira.



C. S. Lewis

Clive Staple Lewis, lente da Universidade de Oxford, professor de literatura inglesa em **Magdalene College**, membro activo da Igreja da Inglaterra — teólogo, crítico literário e romancista...

Assim introduzimos, em breves palavras, um mestre universitário dos nossos dias, que procura fazer da sua carreira académica, uma cruzada contra o cepticismo religioso do mundo moderno.

Aqueles para quem C. S. Lewis não é um simples nome, poderão facilmente imaginá-lo ocupado com os seus trabalhos de jardinagem, depois de ter proferido uma conferência famosa sobre Chancer. Não lhes será também difícil recordar a atitude ousada do leigo que, durante a última guerra mundial, se dirigia regularmente aos aviadores da R. A. F., com as suas palestras sobre teologia. Possível é ainda, hoje, encontrá-lo nalgum «pub» tranquilo e recatado de Oxford, com um grupo de velhos amigos, discorrendo serenamente sobre poesia ou metafísica, esquecido do cachimbo que segura entre os dedos e das horas que o relógio, indiferentemente, vai marcando...

Porém, esta vida calma e equilibrada do escritor, pouco nos diz da instabilidade da sua juventude: daquele Lewis exuberante e insubmisso que rompia com as normas do colégio e, mais tarde, com os regulamentos militares... do estudante de Oxford, que por altura da Revolução Russa —inha então 20 anos— vagava ao sabor de todas as correntes ideológicas, desde o puro materialismo à teosofia... do Lewis que lia Maeterlinck nas horas vagas e assistia às sessões de magia em casa do poeta Yeats — e do Lewis que conservava cuidadosamente na sua estante, em lugar de destaque, as obras de Voltaire...

«The Pilgrim's Regress» é a sua autobiografia, a primeira obra escrita após a conversão. Ela nos dá uma ideia precisa da longa evolução espiritual por que o autor passou, até ao momento do «grande encontro» — o momento da total adesão às verdades do Cristianismo.

Pouco depois surgiam os romances que constituem a trilogia: «Out of the Silent Planet», «Perelandra» e «That Hideous Strength». Se a figura de John, na primeira obra, revela a luta do escritor que presente e busca a Verdade — a de Ransom, o filólogo raptado pelos cientistas para o planeta Marte e, mais tarde, conduzido a Vénus (Perelandra), representa Lewis apóstolo, plenamente consciente do Bem e do Mal — o mal «de todos os tempos» incarnado no mundo «de hoje»: na pessoa de Weston, protótipo do cientista auto-suficiente; na complexa organização do N. I. C. E. (National Institute of Coordinated Experiments).

Lewis sugere-nos, em toda a sua amplitude cósmica e nas mais profundas implicações escatológicas, o único conflito que verdadeiramente

existe: o conflito do Bem e do Mal, enquadrados nas dimensões da alma humana.

Os romances são, ainda, a obra de Lewis-teólogo: a revolta de Lucifer referida em «Out of the Silent Planet»; a doutrina do Pecado Original e da Redenção, que constitui o tema central de «Perelandra»; a visão apocalíptica que nos evoca a Segunda Vinda de Cristo, nos episódios finais de «That Hideous Strength» — são pontos fundamentais do conteúdo teológico, em que se baseia a trilogia.

Em «The Great Divorce» e em «Screwtape Letters» (de que saiu recentemente a 22.ª edição) Lewis retoma os mesmos temas, recorrendo, no primeiro, à forma de alegoria (como fizera em «The Pilgrim's Regress») e, no segundo, ao género epistolar. Em ambos se revela um profundo conhecedor da alma humana, tanto nas suas supremas aspirações, como nos mais culpáveis deslizes.

A prodigiosa imaginação, que presidiu à realização das obras, prejudicou, em vários passos, o objectivo que o escritor tinha ao escrevê-las isto porque o excesso de fantasia, sobretudo na criação das alegorias, obscurece a doutrina que o autor nos pretende comunicar.

Contudo, nas obras teóricas e ensaios onde Lewis abandona a ficção e trata os mesmos temas, encontramos uma clareza e precisão que compensam e dissipam qualquer dúvida que possa ter surgido na leitura das outras obras. Entre aquelas podemos nomear: «The Problem of Pain», «Mere Christianity», «The Abolition of Man», «Miracles», «Transposition», etc.

Em qualquer dos livros, Lewis tem a preocupação constante de focar, unicamente, os princípios básicos do Cristianismo, sem abordar certos pontos susceptíveis de criar dissensões entre os próprios cristãos. Daqui, resulta que as suas páginas, embora escritas por um membro activo do anglicanismo, podem ser lidas e aconselhadas sem grandes reservas.

Presentemente, Lewis dedica-se em especial a estudos de crítica literária e à literatura infantil. Nesta, o único «senão» que temos a apontar, é, como nos romances, o excesso de fantasia, que trai as intenções didácticas, apostólicas do autor.

Apesar de tudo, Lewis é, incontestavelmente, um grande escritor: o vigor da narração, a força imaginativa que culmina nas maravilhosas descrições dos planetas visitados por Ransom, o poder expressivo do diálogo, a impressionante clareza e fluência do estilo — são elementos que valorizam a obra e a colocam entre as melhores da literatura contemporânea.

Um dos críticos que, recusando aceitar a mensagem cristã de Lewis, mais lhe é hostil, ousou declarar: «a obra de Lewis, vale a pena atacá-la, porque é a obra de um artista». Nós diremos: a obra de Lewis, vale a pena lê-la e meditá-la, porque é a obra de um grande artista e de um bom cristão.

María Joana Mota Emiliano

Página de Antologia

«The blue sky above the cliffs was watching him: the cliffs themselves were imprisoning him: the rocks behind were cutting off his retreat: the path ahead was ordering him on. In one night the Landlord had come back to the world, and filled the world, quite full without a cranny. His eyes stared and His hand pointed and His voice commanded in everything that could be heard or seen, even from this place where John sat, to the end of the world: and if you passed the end of the world He would be there too. All things were indeed one and all things said one word: CAUGHT — Caught into slavery again, to walk warily and on sufferance all his days, never to be alone; never the master of his own soul, to have no privacy, no corner whereof you could say to the whole universe: This is my own, here I can do as I please. Under that universal and inspecting gaze, John cowered like some small animal caught up in a giant's hands and held beneath a magnifying-glass.

(...) And as he walked on, all day, in the strength of the bread he had eaten, not daring often to look down into the gulf and keeping his head mostly turned a little inward to the cliff, he had time to turn his trouble over in his mind and discover new sides to it. Above all it grew upon him that the return of the Landlord had blotted out the Island: for if there still were such a place he was no longer free to spend his soul in seeking it, but must follow whatever designs the Landlord had for him.»

C. S. Lewis in «The Pilgrim's Regress»

Noticiário da J. U. C. F.

Foi realmente notável a nossa Comunhão Pascal, que no dia 13 de Março se realizou na velha Sé Patriarcal de Lisboa.

Tomaram parte cerca de 1.000 universitárias, que mais uma vez se reuniram para, em conjunto, celebrarem a sua transformação em Cristo.

Estava previsto para depois um passeio a Sintra, onde se passaria o dia em alegre confraternização.

Mas o tempo é que parecia não estar pelos ajustes, e as mais medrosas, ou melhor, as prudentes, não escondiam os seus receios ante a aventura de enfrentar, em semelhante dia, os rigores da serra. Venceu, porém, a persistência das mais corajosas e a prova de que a iniciativa estava abençoada, é que se beneficiou de uma protecção quase tão patente como a que acompanhou o povo eleito no regresso à Terra Prometida: chovia quando tomávamos as camionetas; estíava quando chegou a ocasião de sair. A própria chuva parecia, antes, um acompanhamento adequado às muitas cantigas que, ao desafio, soavam constantemente.

Almoçou-se no ambiente acolhedor do colégio do Ramalhão, e depois «o Grupo Cénico» do Social procedeu «à fundação da Universidade Católica».

Aqui vai um trecho do número apresentado:

«... Um ponto importante a considerar

É o reitor que devemos convidar.

— Na Eng.ª Pintasilgo estive a pensar,

Mas há o perigo de nos fazer trabalhar.

— Eu proponho que não haja supremacia.

Que seja o tipo perfeito da democracia.

— Mas por demais estais fartas de ouvir

Que uma sociedade sem chefe não pode subsistir.

— Nós prescindimos dos princípios estabelecidos

Sempre que possam tornar-se aborrecidos.»

Em seguida, o já tão afamado grupo coral de Letras, para se vingar dumas quadras que lhe foram feitas o ano passado, dirigiu ao Social uns versos que este agradeceu, frisando de modo especial o espirito cristão que os tinha ditado.

Eis alguns deles:

Que seria destas tristes
de ignorância sem par,
se dentro do hospital
para onde vão trabalhar
não estivesse a Medicina
pronta para as ajudar,
e a gente de Farmácia
para os remédios receitar?



E sem a Engenharia
poderiam melhorar
as condições sanitárias
das que querem ajudar?
Para da sua cabeça
alguma coisa brotar
vão às «tretas», pressurosas,
a Filosofia arranjar.

Partimos depois para os Capuchos, e no pequeno jardim do convento a nossa Presidente Geral falou-nos dos problemas da América Latina e, em especial, da Argentina. Foram os portugueses e espanhóis os descobridores e colonizadores desse Novo Mundo e são eles por isso, em parte, responsáveis pela crise que neste momento se faz sentir. Para lá mandaram os seus missionários; lá acenderam um desejo ardente de cultura e perfeição; mas não souberam responder ao apelo que tinham suscitado, não souberam preencher o vazio que na alma desse povo a sua acção criara.

A Lourdes disse-nos ainda que os universitários católicos argentinos contam com a ajuda da nossa oração e sacrifício, para se manterem fiéis nesta hora difícil.

Regressámos, depois, a Lisboa.

Vínhamos mais calmas, menos faladoras, mas cheias de confiança e boa vontade. Prontas a realizar a missão que nos cabe na J. U. C. F.

Maria Antonieta Santa Clara

Fundação Cuidar o Futuro

Europa

(Continuação da pág. 23)

var-se a si própria. Queremos referir-nos à Fé cristã autêntica, como base da sua própria civilização e cultura bem como da civilização e cultura dos demais povos. E dizemo-lo, bem claramente, porque reecemos que, sem isto, a Europa não possua a força interior para conservar, perante os seus adversários mais poderosos, não somente a integridade dos seus ideais, mas também a sua mesma independência».

...Síntese luminosa, que vem dar força e verdade a tudo quanto, neste artigo, nos esforçámos por dizer.

Maria Celeste Vaz de Sousa

Fundação Cuidar o Futuro

PRESENÇA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Com aprovação eclesialística

Composto e impresso nas Oficinas de S. José

1980, 1980

Fundação Cuidar o Futuro